

A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!

Signe Dayse Castro de Melo e Silva

Universidade Federal da Paraíba

E-mail signedayse@yahoo.com.br


CORTELLA, Mário Sergio; DIMENSTEIN, Gilberto. **A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!** (Educação e formação de pessoas em tempos velozes). Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2015. 122 p. (Coleção Papirus Debates).

A todo o momento escuta-se um eco onde a defesa das benesses oriundas do casamento entre a educação e a comunicação é proclamada como motor de uma era já vivida, habitada por castas que, ora detentores da sabedoria da vida, ora emissários de novas formas de fazer e usar a tecnologia movimentam-se na busca de um tom para suas discussões. Se por um lado a comunicação e a educação possuem seus lastros institucionais, filosóficos e de publicitação de seus feitos, a convergência de ambas e a construção de novas possibilidades de patrocínio da formação das pessoas, permeada pelo reconhecimento de um indivíduo que produz e consome informação, não seria de causar estranheza o encontro de um Filósofo e um Jornalista, ambos educadores, para uma proza sobre as urgências e emergências deste momento de convergências. Assim, nasceu *A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!*

Mário Sérgio Cortella nasceu em Londrina, no Paraná, em 5 de março de 1954 e tem sua atuação como filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário. Chegou a frequentar um Convento na juventude, mas declinou da vida religiosa para dedicar-se à Academia. Foi Professor-titular do Departamento de Fundamentos da Educação e da Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual atuou por 35 anos (de 1977 até 2012), sendo que em 30 deles também no Departamento de Teologia e Ciências da Religião da mesma Universidade. Realizou seus estudos de graduação em Filosofia

seguida de Mestrado e Doutorado em Educação. Ocupou cargos políticos, destacando-se como Secretário de Educação do Município de São Paulo entre 1991-1992. Dentre as suas principais obras, sempre em trânsito com temas da Educação e a Filosofia, destacam-se: "Política: para não ser idiota", "Viver em Paz para Morrer em Paz: Paixão, Sentido e Felicidade", "Nos Labirintos da Moral", com o educador e psicólogo francês, naturalizado brasileiro, Yves de La Taille, e um dos mais vendidos, "Qual é a tua Obra? Inquietações Propositivas sobre Gestão, Liderança e Ética".

Gilberto Dimenstein é Judeu de origem Marroquina e nasceu em São Paulo em 28 de agosto de 1956. Estudou em colégios tradicionais de São Paulo e formou-se em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Atuou em alguns dos mais respeitados veículos de comunicação e imprensa brasileira, tendo se destacado por denunciar problemáticas sociais e demandas educacionais. Por conta de sua atuação recebeu inúmeros prêmios, dos quais se destacam: o Prêmio Nacional de Direitos Humanos junto com D. Paulo de Evaristo Arns, o Prêmio Criança e Paz, do Unicef, e os prêmios ESSO e Jabuti, em 1993, de melhor livro de não-ficção, com a obra "Cidadão de Papel". É idealizador do Projeto Aprendiz, replicado através do mundo via Unicef e Unesco. Fundou a ANDI-Comunicação e Direitos, ONG ligada a ações sociais através da mídia. Por meio de seus escritos influenciou gerações de políticos e ativistas sociais tendo como amigos próximos o Senador Cristóvão Buarque e o Ex-Presidente Fernando Henrique



Cardoso. É o criador do site *Catraca Livre* e dentre suas obras se destacam: “A guerra dos meninos”, “A democracia em pedaços”, “As armadilhas do poder: bastidores da imprensa” e “O aprendiz do futuro”.

A era da curadoria: o que importa é saber o que importa! é um presente aos seus leitores, em especial aos que buscam referências em tempos de grandes enxurradas de informação. Cortella e Dimenstein apresentam o termo “curadoria do conhecimento” numa longa, mas dinâmica, conversa informal. Pode-se dizer que se trata de uma “boa proza” entre dois intelectuais defensores de bandeiras do conhecimento, da educação e da comunicação. O livro tem 122 páginas e a partir de nove temas geradores, no texto escrito em formato de capítulos, eles papeiam trazendo ao leitor a sensação de estar ali ao lado dos dois. A linguagem é simples mas de uma profunda articulação, fazendo vir à tona em todos os momentos episódios, lembranças e associações com fatos que permearam a trajetória de ambos e favoreceram a construção da obra. A ideia do título origina-se do sentido de “curadoria” como nos museus e em exposições, onde um curador escolhe, partilha, distribui, aumenta o acervo e o coloca à disposição, sendo o acervo, no caso, a informação transformada em conhecimentos. Ao final do texto a dupla premia os mais jovens (ou uns possíveis desavisados) com um Glossário, onde cinquenta e nove personalidades citadas no decorrer da conversa recebem uma brevíssima citação biográfica. De Aristóteles à Galileu Galilei, de Alexander Fleming à Salman Khan, e, finalmente de Serginho Groisman à Dilma Rousseff, cada personagem é citado por um feito ou característica que tenha deixado o seu nome marcado no cenário nacional e mundial.


O livro se divide em nove partes, todas com um título-mote que favorece e direciona a construção da conversa entre os dois intelectuais. Na primeira, intitulada *Educar pela comunicação*; comunicar pela educação, Dimenstein inicia a conversa expondo seu dilema pessoal: o conflito que o inspira e mobiliza e que está centrado na dinâmica de posturas opostas protagonizadas pelo Jornalista e pelo Educador. Ele vive uma crise de identidade. Como Jornalista é premiado, mas manteve-se neutro e distante das causas que escreveu, mantendo-se nas trevas de uma notícia fria. Como Educador precisa inserir-se, comprometer-se, interferir, buscando luz, mesmo em meio às trevas. Os limites da comunicação e os limites da educação o perturbam. Se o jornalista tem que ser pessimista, o educador precisa ser

otimista. Fruto deste dilema nasce o *Catraca Livre*, Site na WEB, fruto de seus estudos na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos da América. Sua principal tese é a de que a informação desprovida de contexto não gera conhecimento!

Na segunda parte da conversa, intitulada *Curadoria do conhecimento*, Cortella inicia a provocação com a proposição de que educação, comunicação e cidadania são conceitos interligados e a sua síntese é o conceito de “curadoria”, ou aquele que “cura”, trazendo aos espaços de educação e comunicação o “curador”, ou aquele que cuida, reparte, protege e eleva a informação, tornando-a acessível por meio das tecnologias digitais. A ideia de curadoria seria semelhante a de um condomínio, sendo o curador o síndico do conhecimento. Neste momento, ambos, Dimenstein e Cortella, ponderam sobre o aparecimento, importância e função social do Google, do Yahoo e do Facebook, como espaços de possibilidades de informação, destacando os Blogs, Sites e o Wikipédia, como possíveis curadores, ou modos de curadoria, uma vez que são repositórios de informações captadas, tratadas e dispensadas aos seus respectivos interessados. Para além das instituições ou ferramentas, Sérgio Groisman, Fernando Henrique Cardoso, Bill Gates, Osvaldo Cruz, Gandhi, Martin Luther King, dentre diversos outros exemplos, foram e são exemplos de curadores, não deixando de lembrar que os curadores sempre existiram, sendo hoje o tempo de sua aparição no espaço virtual.

Na terceira parte, *Cidadania, comunicação e educação*: eixo indissociável, a cidade é pensada e discutida como uma grande rede social, em virtude de seu lócus de comunicação plena entre as pessoas. A ágora é revelada como a dinâmica de comunicação onde se misturam a cidade, a cidadania e o processo educativo, tendo como elemento fundamental o cidadão comunicante e, por consequência, as empresas comunicantes. É neste universo que o sucesso do *Catraca livre* se dá, tendo trinta milhões de usuários únicos, embora esteja situado num pequeno e boêmio bairro na Cidade de São Paulo, sustentado pelo conceito de fertilidade, ou seja, a união entre a informação e o seu contexto, numa explícita alusão ao conceito de “leitura de mundo” de Paulo Freire.

A quarta parte, *Credibilidade e Crítica*, é simples e embora longa, traz na sua essência a premissa de que educar é tirar o indivíduo de um lugar e leva-lo a outro, fertilizando a sua formação e ajudando-o a ter critérios de seleção. Na medida



em que Dimenstein defende a cidadania completa por meio de uma informação livre, Cortella fundamenta na filosofia Grega o conceito de “Crítica”, ambos convergindo na necessidade de se fomentar o espírito crítico e a capacidade de seleção, sugerindo o BuzzFeed como uma porta para a seleção de informações na atualidade, onde ambos, Cortella e Dimenstein, sugerem temas instigantes e demandas atuais para reflexão.

Chegando ao quinto momento desta instigante conversa, Aprender em tempo real e pelo resto da vida, a questão da relevância e da perenidade da informação sustentam a tese de que a ideia da educação permanente nunca foi tão forte, tendo a simultaneidade como motor dos processos comunicacionais. Aqui Cortella nos alerta para a necessidade de sermos gestores do conhecimento, dia a dia, numa luta contínua contra a efemeridade e a obsolescência da informação e dos seus canais. Tal como o Orkut, ambos já preconizam o desaparecimento do Facebook e das atualizações no WhatsApp. No entanto, o conceito de “rede” pode ser o caminho da modificação das práticas educacionais e do empoderamento dos estudantes, uma vez que a escola é o mundo e o mundo pode estar na escola. Dimenstein aqui lembra da importância do Couseira, que viabilizou o acesso On-Line às grandes Universidades Americanas.


Em Nove era? E o que já era? De Gutenberg ao virtual de nossos dias, a sexta parte do livro, Dimenstein aponta o Adaptive Learning, ou ensino adaptativo, como uma das mais revolucionárias ferramentas de educação e comunicação da atualidade. Mas não deixemos de lembrar, e Cortella o faz brilhantemente, que nos anos de 1970, a instrução programada cumpria este papel, literalmente via papel. O mundo digital reacende a prática, favorecendo o acesso ao conhecimento por meio de ferramentas, suportes e aplicativos digitais. A beleza da recuperação do livro de Gutenberg como a WWW da época, e estamos falando de 1455, tem sua culminância no registro da Bíblia como o primeiro mobile da história da humanidade. Dos tempos de Gutenberg ao Netflix, o YouTube e a Amazon.Com, o acesso à informação nunca foi tão democrático.

Na sétima parte, Empoderamento: “É junto dos bô que ocê fica mió”, a principal tese dos autores é: ou a escola se transforma em um centro de curadoria sofisticado, ou perde sua importância! O argumento é simples (e confesso que divertido, considerando a arrogância de alguns produtores de “informação”) há aulas

muito melhores do que a maioria das assistidas por nossos estudantes, disponíveis nos infinitos canais de informação e comunicação do mundo digital. Cortella lembra que as escolas consideradas boas pelos estudantes são aquelas que possuem projetos integrativos, ou seja, projetos e articuladores em rede e, ainda, que habilidades como a resiliência, a disciplina e o autocontrole são a garantia do sucesso das mesmas.

Simultaneidade, instantaneidade e conectividade são as palavras de ordem da oitava e penúltima parte do livro. E o que tem de mais intrigante o é que Cortella nos faz o alerta de que a obsessão pela informação pode nos tirar a capacidade de criar, uma vez que o tédio é o combustível da criatividade humana. A falta de paciência em construir o conhecimento e a busca imediata de resultados está fazendo com que os jovens queimem etapas de suas vidas, muitas delas de extrema produtividade e criação. Como não existe nada que seja realizado com profundidade que não tenha levado tempo, as gerações atuais estão cada dia mais superficiais em suas buscas e no processo de formação de suas carreiras. Associado a esta aceleração, o conceito de fluxo contínuo pode nos deixar sem conhecimento crítico para fazer escolhas! Mas nem tudo está perdido, uma vez que a leitura de volumosas obras, tal com a saga de Harry Potter, divide espaço com o uso do Twitter, o que nos instiga a conhecer melhor as novas gerações e os mecanismos de funcionamento de suas mentes. O mesmo jovem que se comunica em 140 caracteres é capaz de escrever um livro de trezentas páginas!

Finalmente o nono e último momento do bate-papo entre Dimenstein e Cortella tem o seguinte mote: “O que importa é saber o que importa”, e nos brinda com a tese de que a história da cidadania é a história do empoderamento! A facilidade em comunicar e a velocidade das informações em rede, a imprensa livre e as plataformas digitais que nos permitem uma real, transparente e múltipla visão dos fatos, empoderaram o cidadão em todos os sentidos. Cortella pondera o poder da notícia no Facebook e Dimenstein considera a era do prognóstico da hipertextualidade, quando uma informação leva à outra, e à outra, e à outra. Numa alusão ao pensamento de Mark Twain, a conversa vai se encerrando com a certeza de que a Filosofia vai nos dar a resposta sobre o sentido da vida, não permitindo que o mundo das mídias sociais nos coloque na posição de “escrever na areia em dia de tempestade”.



Particularmente termino a leitura deliciada e ciosa de meu papel como educadora e formadora desde os anos de 1980. A obra traz a clareza de que é possível o encontro da Comunicação com as Tecnologias para a Educação num caminho de libertação, não apenas de meus próprios demônios e fantasmas, mas das vidas das dezenas e centenas de estudantes com os quais tive o prazer de “viver” até aqui! Comungo com os autores quando afirmam que “os sistemas mais complexos de comunicação são os interpessoais [...] e não só o interpessoal, mas também intergeracional”. Claro! Se estamos na época das curadorias, o que vai ser curado ou selecionado, se não os grandiosos registros da passagem de centenas de gerações antes da minha? No entanto, não desprezo aqui a riqueza e o volume de conhecimentos que se traduzem em pensamentos e suportes onde estas ideias transitam nas redes, patrocinando um interminável fluxo de conhecimentos! A socialização e a mediação dos saberes passam a ser o movimento fundamental dos indivíduos em escolas, empresas, comunidades, sem os quais o

empoderamento das pessoas não se dará. Por mais que os tempos sejam velozes, a formação humana ainda encontra lastro na produção de conhecimento por meio da seleção criteriosa e crítica de informações! Em sua gênese, o estudo científico dos valores humanos sofria com a ausência de definições delimitadas, teorias específicas e métodos empíricos confiáveis para sua mensuração. Contudo, com os avanços teóricos e metodológicos iniciados no último século, a pesquisa sobre valores ressurgiu e consolidou-se como temática central nas ciências humanas e sociais em diversas áreas do conhecimento, a exemplo da antropologia, sociologia e psicologia. Nos anos 80, Homer e Kahle (1988) propuseram um modelo explicativo integrando a relação entre valores, atitudes e comportamentos, assumindo a capacidade dos valores de predizer os comportamentos dos indivíduos por meio das atitudes. Deste modo, os valores humanos são construtos úteis no conhecimento de um número variado de comportamentos e atitudes, sendo utilizados nos mais variados contextos e áreas.

Signe Dayse Castro de Melo e Silva - Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão/FECILCAM; Bacharel em Turismo pela Universidade Católica de Pernambuco/Unicap; Especialista em Administração Escolar e Planejamento Educacional, Mestre em Gestão e Políticas Ambientais/MGPA e Doutora em Geografia, pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Professora do Curso de Bacharelado em Comunicação em Mídias Digitais, DEMID-UFPE.